

DE “MULHERZINHA” À “SANTA MADRE”: DISPUTANDO A MEMÓRIA DE MADRE TERESA¹

Luciana Lopes dos Santos

“Quién fue la madre Teresa de Jesús, su espíritu, su gracia natural y sobrenatural, su blandura, discreción y prudencia, lo sabrás leyendo sus libros, y en los que de su vida compusieron el Padre doctor Ribera, y otros Padres...”²

Espanha, ano de 1576. Teresa era uma bela mulher que posava para um pintor. Ele era Giovanni Narduch, mais conhecido como Frei Juan de la Miséria, o carmelita que pintou o único retrato feito de Teresa quando ainda era viva. Talvez ele não imaginasse que sua obra, feita às pressas, não sendo lá nenhum quadro de Velázquez e que, muito menos, chegaria aos pés da obra de Bernini, se tornasse tão importante para as gerações posteriores. Tal pintura é a mesma que ilustra atualmente inúmeros livros e *souvenirs* vendidos na cidade de Ávila, na Espanha, onde Santa Teresa, a modelo do quadro, é o principal ícone turístico³.

Esta imagem e as biografias escritas sobre a Santa cooperaram para que um certo grupo de pessoas - os carmelitas descalços, Ordem religiosa idealizada pela Madre – formasse uma memória bem particular sobre a Santa. Teresa parece tão íntima deles como se aquela e estes fossem contemporâneos: ela é a mãe, a fundadora, a conselheira espiritual, a reformadora, enfim, e simplesmente, a “Santa Madre”. Para Michael Pollak, são também elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva, alguns “personagens que não pertenceram necessariamente ao mesmo espaço-tempo da pessoa.” E, por isso, é possível que “ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase herdada.”⁴ Parece que esta “memória quase herdada” está mais que presente entre os carmelitas. Na verdade, não uma memória única: a mesma mulher teve vários rostos e adjetivos, os quais ajudaram a forjar várias “Terasas”: desde a “mulherzinha” inquieta e andarilha de meados do século XVI até a “Santa Madre” atual.

Brasil, século XXI. Uma historiadora tenta narrar tal história. Para recontá-la, a mesma deparou-se com uma grande quantidade de biografias, transformadas em “historiografia

teresiana”, que relatam a vida de Teresa de Cepeda y Ahumada, mais conhecida como Santa Teresa de Ávila, mas que preferia assinar como Teresa de Jesus.

Grande parte da bibliografia e das fontes desta pesquisa tem caráter biográfico, ou melhor, hagiográfico. Negar este fato seria o mesmo que fazer uma simples compilação, por isso, a necessidade de problematizar e comparar estes textos. Conforme Magda Ricci⁵, cada relato biográfico foi produzido “por um motivo e em razão de alguns problemas históricos, historiográficos ou pessoais, que devem ser percebidos pelo historiador.”⁶ Desta forma, pretendo contar neste texto um pouco sobre a “vida após a morte” da Santa, a partir de alguns relatos biográficos e dos festejos dos centenários de morte de Teresa, quando novas interpretações puderam cooperar na formação de uma memória teresiana.⁷

Teresa nasceu no dia 28 de março de 1515 e viveu até os sessenta e sete anos. Com vinte anos, Teresa fugiu de casa para o convento carmelita de Encarnación de Ávila, contrariando a vontade do pai de vê-la casada. Depois de 27 anos, percebendo algumas dificuldades como a superpopulação de monjas do mosteiro, além de uma série de privilégios concedidos às moças nobres, resolveu, com algumas amigas, fundar um convento a partir da Regra da Ordem do Carmelo obedecida antes das atenuações introduzidas pelo papa Eugênio IV. Em 1562, inaugurou o mosteiro de São José, em Ávila, o primeiro de muitos que levaram Teresa a viajar por Castela e pela Andaluzia. Teresa não agradou a todos neste empreendimento, atizando os ânimos do resto da Ordem, como também de outros setores do Clero e originando uma série de perseguições. “Mulher irrequieta e andarilha, desobediente e contumaz”⁸ foi apenas uma das denominações que ela ganhou. Além disso, sua autobiografia chegou a ser lida pelo Tribunal do Santo Ofício com olhos não muito simpáticos⁹.

Sua imagem de subversiva logo foi “esquecida” em 1590, com a publicação do jesuíta e ex-confessor Francisco de Ribera¹⁰. Esta obra foi escrita na proximidade do processo de beatificação de Teresa (reconhecida em 1614), por isso, a preocupação do jesuíta em contar

aspectos extraordinários da vida da religiosa¹¹, sendo, portanto, os milagres e outras revelações divinas (como os êxtases místicos) o fio condutor da narrativa¹².

Ainda nessa época surgiram outros relatos biográficos¹³, como o que foi supostamente escrito por Diego de Yepes em 1606. Depois se descobriu a real autoria: o carmelita Tomás de Jesus, um dos protagonistas dos problemas ocorridos nos primeiros anos do Carmelo Descalço. Em um contexto de formação e de afirmação de uma identidade própria da Ordem, Teresa acabou adquirindo no relato algumas características que o autor gostaria de ver na instituição. Uma das maiores polêmicas destes primeiros tempos do Carmelo Descalço girou em torno da tensão entre a ação e a contemplação como característica dominante do verdadeiro carmelita descalço; se discutia se o que queria a “Madre Fundadora” era que se privilegiasse uma ou outra característica. Segundo Teófanés Egido, “a biografia teresiana sofre outra manipulação ahistórica pelo amor da submissão a escaramuças domésticas.”¹⁴

Todas as biografias sobre Teresa são fortemente influenciadas pela estrutura da autobiografia escrita por Teresa, o “Livro da Vida”. De alguma forma, os livros de Santa Teresa são sempre tratados como testemunhos diretos de sua vida. A epígrafe deste texto, uma frase do Frei Jerônimo Gracián, é significativa neste sentido. Isto decorre em várias conseqüências metodológicas nos diversos relatos biográficos escritos a partir de então, pois, de alguma forma, mostram que os escritos de Teresa têm uma espécie de “efeito de verdade”¹⁵ intrínseco ao texto. Carlos Piña afirma que uma autobiografia não é o reflexo fiel de algo exterior ao indivíduo que a narra e também não representa (estatística ou simbolicamente) a vida do mesmo¹⁶. Entretanto, “cada texto autobiográfico particular pode ser concebido como um caminho, um material para o conhecimento das estruturas narrativas (dramáticas, inclusive) com que o narrador constrói o ‘si mesmo’ e seus processos de atribuição de sentido.”¹⁷

Quem lê também interpreta e “participa da criação de sentido, mas de um modo circunstancial e histórico”¹⁸. É necessário lembrar aqui as possíveis recepções e releituras dos textos teresianos, na época em que foram escritos e nos anos seguintes. Aparentemente,

pouco foi estudado sobre a influência do “Livro da Vida” nas primeiras comunidades carmelitas descalças. Cópias deste primeiro manuscrito haviam se multiplicado não somente nos conventos, mas inclusive entre os catedráticos de Salamanca na época da morte da Santa¹⁹. Acredito, por isso, que o próprio relato pode ter cristalizado muitas imagens sobre a personalidade de Teresa ainda no final do século XVI²⁰. O significado do personagem no relato autobiográfico é construído e dado a conhecer através de todo o texto, mas também pela posterior recepção por meio da “memorização, reconstrução e associação”²¹ feita pelo leitor.

Carlos Piña ainda aponta que a imagem de “si mesmo” é sempre gerada a partir de uma “situação biográfica” determinada, que explica e constitui a configuração final do texto. A partir desta proposição do autor, coloco aqui uma questão: se os livros teresianos, mesmo não sendo autobiografias no sentido estrito, mas sendo fundamentados sobretudo na experiência de vida da escritora, corresponderiam a “situações biográficas” diferentes? De fato, não é a “mesma Teresa” que escreve cada uma das obras. No “Livro da Vida”, Teresa é a religiosa que relata suas experiências místicas aos confessores. No “Caminho de Perfeição”, ela é a Madre, que tem como principais interlocutoras as irmãs do Carmelo Descalço que querem ouvir seus conselhos. Em “Fundações”, Teresa é a mulher de negócios que narra as peripécias envolvendo compras das casas dos futuros conventos e as relações com os comerciantes, com a nobreza e com o clero das mais diversas cidades castelhanas. Em “Castelo Interior”, Teresa conta as experiências de oração contemplativa em um tratado de oração, literatura tão conhecida no século XVI espanhol que ela mesmo gostava de ler.

Após este primeiro período de historiografia teresiana, a maior produção de relatos sobre a Santa se daria somente em 1882. As celebrações do terceiro centenário da morte de Teresa foram as primeiras a adquirirem caráter social e público, comovendo e mobilizando toda uma nação²². O caráter destas celebrações esteve muito relacionado às idéias do romantismo relacionadas à construção de heróis nacionais. Santa Teresa ganhava novos nomes: “patrona dos espanhóis”, “Santa de la Raza”, “La Virgen Avilesa”²³. Além disso, com a perda de unidade

dos carmelitas descalços espanhóis²⁴, a Ordem precisava evitar a dispersão e a crise; em outras palavras, os relatos sobre Teresa neste período objetivam uma “‘edificação’ produtora de uma imagem destinada a proteger o grupo contra a dispersão”²⁵. Teresa neste momento faz parte de uma memória que “fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais”²⁶ do grupo em questão.

Ao mesmo tempo, ocorria o choque entre duas facções da Igreja espanhola no contexto pós-revolucionário de 1868, quando a rainha Isabel II foi destronada. Em 1874, depois do chamado “sexênio democrático”, seu filho Alfonso XII restaurava o trono bourbônico, porém sob uma monarquia parlamentarista. De 1873 a 1874, na Primeira República Espanhola, regime que não recebeu apoio da Igreja Católica (por causa da crescente secularização proposta²⁷), a Igreja da Espanha dividiu-se em duas facções. De um lado, a “União Católica”; de outro, o chamado “Integrismo”²⁸. Este contexto conturbado fez com que houvesse, de maneira muito emblemática, dois festejos paralelos no dia 15 de Outubro de 1882 em Madri. Enquanto houve uma celebração presidida pelo Papa na igreja de Santa Teresa, a outra facção resolveu, em protesto, celebrar na igreja de San Isidro el Real²⁹.

Teresa de Jesus tornou-se, no terceiro centenário de sua morte, um verdadeiro fenômeno cultural: apareceram as primeiras edições *fac-símiles* de suas obras³⁰ e alguns certames literários temáticos³¹. Foram impressas setenta e duas edições das obras da Santa entre 1841 e 1896.³² Surgiram estudos de cunho cientificista, tendo como tema as possíveis manifestações místicas teresianas, totalmente negadas e interpretadas como sinais visíveis de histeria³³. Houve também o resgate definitivo para a Ordem do Carmelo Descalço da casa em que Teresa teria nascido, com a transformação do prédio em “Museu Teresiano”³⁴.

Cem anos depois, proliferaram novamente os festejos e os estudos sobre a Santa. Um exemplo são os volumes dedicados à Santa na “Revista de Espiritualidad”, publicada pelos carmelitas espanhóis. Um destes volumes foi editado em 1981 com o nome de “*Santa Teresa em su ambiente histórico*”, com apresentação do carmelita Teófanés Egido, que clamava por

uma revisão histórica de Santa Teresa de Jesus, tratada com “mais honestidade e menos paixões”³⁵. Em 1982, publicou-se o volume da mesma revista intitulado “*Teresa de Jesús. Mujer. Cristiana. Maestra.*” Com a mesma missão de desmistificar o tratamento historiográfico até então dado a Teresa, Teófanos Egido propõe novas abordagens, tendo em vista os novos métodos de escrita da História aparecidos nas últimas décadas. Segundo ele, “Santa Teresa resistiu com persistência ao tratamento historiográfico”, apesar de ter sido “seqüestrada pelos espiritualistas, pela mitografia do universalismo, da apologética ou do modelo barroco de santidade, quando não manipulada por domésticas rinhas intracarmelitanas.”³⁶

Uma marca constante nas biografias de Teresa de Ahumada sempre foi a afirmação de sua origem nobre. Segundo Michel de Certeau, é comum esta atribuição, mesmo que ela não seja real, já que as hagiografias são ficções a serviço do exemplar.³⁷ “O sangue é a metáfora da graça” e “a hagiografia postula que *tudo é dado na origem* com uma ‘vocação’, com uma ‘eleição’.”³⁸ No entanto, desde 1946 já se sabia da origem judaica de Teresa, por terem sido achados os documentos que comprovavam que seu pai, seus tios e seu avô paterno eram judeus; até então, só existiam silêncios na documentação, inclusive na autobiografia de Teresa, onde nenhuma menção direta à sua situação social é escrita. Contudo, segundo Teófanos Egido, Teresa sinalizou sua origem de forma indireta: não existe em “*Libro de la Vida*” alusão nenhuma à fidalguia do pai. Ocorre, ainda, a simples indicação por parte da escritora sobre a afeição de seu pai aos livros e a alfabetização de todos os seus filhos, tanto homens quanto mulheres (muito mais comum entre os judeus do que entre os católicos da época)³⁹. Muitos biógrafos, infelizmente, até hoje, desconsideram tal fato ou não dão a importância devida.

Desde a década de 70 o que está em jogo nos estudos teresianos é a própria identidade da Ordem idealizada por ela. O ponto central da polêmica é se sua intenção foi a fundação de uma nova ordem religiosa na Igreja, ou uma reforma, “melhorando” o que já havia. Segundo Ildefonso Moriones, historiador da Ordem, o Carmelo Descalço conviveu, ao longo dos séculos, com duas memórias que caminham juntas e, muitas vezes, em conflito. A própria variedade de

denominações - *Reforma* ou *Fundação*, por exemplo - seria indício desta diversidade de enfoques⁴⁰. Para este autor, os problemas de memória histórica da Ordem Carmelita Descalça vêm justamente da época da Reforma/Fundação iniciada por Teresa. Ou seja, os problemas de memória histórica que a própria Ordem tem até hoje influenciam as interpretações sobre a “Madre Fundadora”⁴¹. Assim se entende os embates entre simpatizantes de Jerônimo Gracián, suposto herdeiro⁴² do “humanismo teresiano” e de Nicolás Dória, ora caracterizado como carrasco⁴³, ora colocado como restaurador do rigorismo necessário para a prática da verdadeira fé católica⁴⁴. Desde o início, entrou em disputa pelo menos dois tipos de memória sobre a Ordem e sobre as idéias da Santa. No fundo, o que aparece é a questão da herança da Madre, que será ainda assunto por muito tempo na historiografia interna da Ordem.

* * *

Dizem que quando Santa Teresa viu como tinha ficado a pintura de Frei Juan de la Miséria, com o seu humor habitual, teria dito: “*Dios te lo perdone, fray Juan, que ya que me pintaste, me has pintado fea y legañosa.*”⁴⁵ Tenho curiosidade em saber o que ela diria de tantas biografias e de tantas interpretações. Faço votos de que os leitores deste texto se empolguem, tanto quanto eu, a conhecer mais Santa Teresa de Jesus e sua época, ambas muito estudadas, mas ainda tão pouco conhecidas. Fica aqui minha contribuição para que este conhecimento aumente.

¹ Este artigo é um resumo do primeiro capítulo de minha dissertação de Mestrado em História, a ser defendida no programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul com o nome de “*Fémina Inquieta y Andariega*”: valores e símbolos da literatura cavaleiresca nos escritos de Santa Teresa de Jesus (1515-1582).

² GRACIÁN, Jerónimo de la Madre de Dios. *Peregrinación de Anastasio*. Ed. preparada por Juan Luis Astigarraga. Roma: Teresianum, 2001. p. 161.

³ MEDWICK, Cathleen. *Teresa of Ávila: the progress of a soul*. Nova York: Image Book, 1999. p. 6.

⁴ POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, pp. 201, 1992.

⁵ RICCI, Magda. *Assombrações de um padre regente*: Diogo Antônio Feijó (1784-1843). Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

⁶ Ibid., P. 31.

⁷ Conforme o texto de Juan Sanromán [SANROMÁN, Juan Bosco. “Anteriores centenários de la muerte de Santa Teresa”. *Revista de Espiritualidad*: Santa Teresa en su ambiente histórico, Madrid, vol. 40, ns. 159-160, pp. 331-353, 1981.]

⁸ AUCLAIR, Marcelle. *Teresa de Ávila*. São Paulo: Quadrante, 1995. p. 311.

⁹ Por outro lado, em 1970, o Papa Paulo VI designou Santa Teresa de Jesus como Doutora da Igreja Católica Romana. Ela foi a primeira mulher com este título. [PAULO VI, Papa. *Proclamazione di Santa Teresa d'Ávila Dottore*

- della Chiesa: Omelia, Domenica, 27 settembre 1970. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/homilies/1970/documents/hf_p-vi_hom_19700927_it.html. Acesso em jun. 2004.]
- ¹⁰ RIBERA, Francisco de. *Vida de Santa Teresa de Jesús*. 3ª. Ed. Barcelona: Gustavo Gili Editor, 1908.
- ¹¹ EGIDO, Teófanos. “El tratamiento historiográfico de Santa Teresa (Inercias y revisiones)”. *Revista de Espiritualidad: Santa Teresa en su ambiente histórico*, Madrid, vol. 40, ns. 159-160, p. 173, 1981.
- ¹² Michel De Certeau, em seu texto sobre a “edificação hagiográfica” demonstra que “cada vida de santo deve ser antes considerada como um sistema que organiza uma manifestação graças à combinação topológica de ‘virtudes’ e de ‘milagres’” [CERTEAU, Michel de. “Uma variante: a edificação hagiográfica”. In: _____. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 266]
- ¹³ Nesse primeiro período da historiografia teresiana também surgiram crônicas sobre as primeiras comunidades carmelitas descalças. Tais fontes parecem ser pouco estudadas, apesar da retomada de algumas na obra de Ildefonso Moriones [MORIONES, Ildefonso. *El Carmelo Teresiano y sus problemas de memoria histórica*. Vitoria: Ediciones del Carmen, 1997.] Também foram escritos alguns poemas, justas literárias e obras teatrais tendo como protagonista Teresa de Jesus. Ver, por exemplo, a peça de teatro de Lope de Vega [VEGA, Lope de. *Santa Teresa de Jesús*. Edição digital a partir de *Obras de Lope de Vega. Vol. XII Comedias de vidas de Santos*, Madrid, Atlas, 1965 (Biblioteca de Autores Españoles), pp. 248-305. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/90258405_321246151632235/p0000001.htm#1. Acesso em set. 2004.] e o estudo sobre algumas destas obras [ELIZALDE, Ignacio. “Teresa de Jesús, protagonista de la dramática española del siglo XVII”. *Letras de Deusto*: IV Centenário de Santa Teresa (1582-1982), Bilbao (Espanha), vol. 12, n. 24, pp. 185-186, jul./ dez. 1982.]
- ¹⁴ EGIDO, op. Cit., p. 174.
- ¹⁵ GOMES, Ângela de Castro “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo” In.: _____. (org.). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, s/d. pp. 14-15.
- ¹⁶ PIÑA, Carlos. “Sobre la Naturaleza del Discurso Autobiográfico”. *Anuário Antropológico*, Brasília, n. 88, p. 97, 1991.
- ¹⁷ Ibid., p. 102.
- ¹⁸ Ibid., p. 105.
- ¹⁹ Segundo o prólogo de Efrén de la Madre de Dios, O.C.D. e Otger Steggink, O. Carm. ao mesmo livro em TERESA DE JESUS, Santa. *Obras Completas*. 9ª. Ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2003. p. 33.
- ²⁰ Para maiores estudos lingüísticos e sobre a influência de “*Libro de la Vida*”, ver a obra de Alison Weber. [WEBER, Alison. *Teresa of Avila and the Rhetoric of Femininity*. New Jersey: Princeton University Press, 1996. pp. 42-75]
- ²¹ PIÑA, op. cit., p. 111.
- ²² SANROMÁN, op. Cit., p. 333.
- ²³ Conforme introdução da obra de Francisco de Ribera [RIBERA, op. Cit, pp. V e VI]
- ²⁴ SANROMÁN, op. Cit., pp. 333-334.
- ²⁵ CERTEAU, op. Cit., p. 269.
- ²⁶ POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3, 1989.
- ²⁷ CORTÁZAR, Fernando García de; VESGA, José Manuel González. *Breve Historia de España*. Madri: Alianza Editorial, 1999. p. 453.
- ²⁸ SANROMÁN, op. Cit., p. 336.
- ²⁹ Sobre mais detalhes das circunstâncias históricas em que se encontravam tais choques entre facções, ver Ibid., pp. 336-337.
- ³⁰ Ibid., p. 349.
- ³¹ Ibid., p. 351.
- ³² Ibid., p. 348.
- ³³ Ibid., p. 339.
- ³⁴ Ibid., pp. 351-352.
- ³⁵ EGIDO, Teófanos. “La necesaria revisión histórica de Santa Teresa”. *Revista de Espiritualidad: Santa Teresa en su ambiente histórico*, Madrid, vol. 40, ns. 159-160, p. 164, 1981.
- ³⁶ Id., “Santa Teresa y su circunstancia histórica”. *Revista de Espiritualidad: Teresa de Jesus. Mujer, Cristiana, Maestra*, Madrid, vol. 41, ns. 162-163, p. 9, 1982.
- ³⁷ CERTEAU, op. Cit., p. 271.
- ³⁸ Ibid., p. 273.
- ³⁹ EGIDO, op. cit., p. 14.
- ⁴⁰ Ibid., p. 13.
- ⁴¹ MORIONES, op. cit., p. 8.
- ⁴² “Herdeiro exilado”, nas palavras de José Alberto Pedra [PEDRA, José Alberto. *Jerônimo Gracián de la Madre de Dios OCD: o herdeiro exilado*. Disponível em: http://www.ocd.pcn.net/H_Gracian.htm. Acesso em maio 2003.]
- ⁴³ MORIONES, Ildefonso. *El P. Doria y el Carisma Teresiano*. Roma: 1994.
- ⁴⁴ Como em algumas crônicas dos primeiros anos de Carmelo Descalço [EGIDO, op. Cit, pp. 175-176]
- ⁴⁵ MADRE DE DIOS, Éfren de la; STEGGINK, Otger. *Tiempo y Vida de Santa Teresa*. Madri: Editorial Catolica, S.A., 1968. p. 592.